

Prætĕrita

John Ruskin

edição brasileira© Hedra 2022
tradução do inglês© Marcos A. P. Ribeiro

título original *Præterita: Outlines of Scenes and Thoughts
Perhaps Worthy of Memory in My Past Life* (1885–89)

edição consultada *Præterita and Dialecta*. New York: Alfred A. Knopf, 2005

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
capa Lucas Kroëff

ISBN 978-65-89705-24-6

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Prætĕrita

John Ruskin

Marcos A. P. Ribeiro (*tradução*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2022

John Ruskin (Londres, 1819–1900) foi um dos mais importantes intelectuais da era vitoriana. Principal teórico da preservação arquitetônica e ambiental da Inglaterra do século XIX e crítico perspicaz das transformações sociais trazidas ao país pela industrialização, a qual veementemente combateu. Excêntrico, vinculado ao romantismo, grande esteta, valorizava a sensibilidade subjetiva em contraponto à razão; contraditório — ao mesmo tempo aristocrático, reacionário e simpático ao socialismo.

Prætërita é a autobiografia do autor, sua última obra e testamento literário, escrita ao longo de 27 anos. Heterodoxa como gênero e de caráter *experimental*, não segue os modelos de autobiografias então vigentes — geralmente apresentados em termos de confissão religiosa —, e poderia também ser considerada uma narrativa de viagem, elegia, memória filial ou coleção de excertos de diários. Esta tradução contempla o primeiro dos três volumes de *Prætërita*.

Marcos A. P. Ribeiro é escritor e tradutor literário. Publicou *A faculdade de medicina da Bahia na visão de seus memorialistas (1854–1924)*; *Contos do porto da barra*; *Entre os “bárbaros filosóficos”*; *O discurso do tempo*; *A Bahia e a segunda guerra mundial: o front da retaguarda*; *Cerca trova*, entre outros. Traduziu Lawrence Ferlinghetti, Dashiell Hammett, Robert Lowell e Ernst Jünger.

Prætĕrita

John Ruskin

Sumário

Apresentação, <i>por Marcos A. P. Ribeiro</i>	7
Prefácio à edição original	11
PRÆTĒRITA.	13
As fontes de Wandel	15
As amendoeiras em flor de Herne Hill	35
Às margens do Tay	53
Sob novas tutorias	71
Parnaso e Plynlimmon	87
Schaffausen e Milão	105

Papai e mamãe	121
<i>Vester, camenae</i>	141
<i>O col de la faucille</i>	159
Quem tu, Melpomene	175
O coro do Christ Church	195
A capela Roslyn	219

Apresentação

Um testamento literário escrito em 27 anos

MARCOS A. P. RIBEIRO

John Ruskin (1819–1900), cuja vida praticamente coincide com a da Rainha Vitória (1819–1901), foi, provavelmente, o mais importante intelectual da era vitoriana. Estudou em Oxford, onde posteriormente foi professor. Escritor, crítico de arte e de arquitetura, crítico social, desenhista e pintor. Defensor e patrono da Irmandade Pré-Rafaelita, suas ideias inspiraram o movimento *Arts & Crafts* e os movimentos em defesa dos direitos dos trabalhadores.

Nascido numa família escocesa, seu pai era comerciante de *sherry*,¹ atividade que, embora eminentemente comercial, conferia-lhe certo prestígio social na Inglaterra oitocentista. A profissão paterna obrigava-o a extensas viagens pela Europa, nas quais o jovem John era levado.

Sua educação foi particularmente severa, rigorosa. Não frequentou regularmente escolas até os quinze, mas, desde cedo, lia os clássicos ingleses — como Shakespeare, Alexander Pope, Byron e Walter Scott — e a Bíblia. Não lhe era permitido possuir brinquedos sofisticados, industrializados, mas apenas objetos simples e artesanais, como carrinhos de madeira e blocos de montar. A família considerava que essa era uma forma de desenvolver sua percepção do mundo e sensibilidade, obrigando-o a observar detalhadamente o que existia à sua volta: os materiais com os quais as casas eram construídas, as características físicas, pictóricas e tácteis dos móveis e da decoração, como papéis de parede, tapetes etc.

1. Tipo de vinho fortificado, também conhecido como *sherez* ou *jerez*.

O espectro de seus interesses era amplo: literatura, a Bíblia, artes plásticas, arquitetura, história, economia, geologia. Seus escritos influenciaram Gandhi, Tolstói e Proust. Foi o principal teórico da preservação arquitetônica e ambiental da Inglaterra do século XIX e crítico perspicaz das transformações sociais trazidas ao país pela industrialização, a qual veementemente combateu. Excêntrico, vinculado ao romantismo, grande esteta, valorizava a sensibilidade subjetiva em contraponto à razão; contraditório — ao mesmo tempo aristocrático, reacionário e simpático ao socialismo.

Em sua vasta e multifacetada obra, encontram-se tomos sobre história, geologia, artes plásticas, literatura, ornitologia, botânica, economia, mitologia, poluição do meio-ambiente. Nos últimos anos da vida, com o agravamento dos episódios de loucura, recolheu-se a sua casa em Brantwood,² onde faleceu em 1900.

A autobiografia — *Præterita* — foi sua última obra e, certamente, seu testamento literário. Escrita ao longo de 27 anos, a desigualdade de suas partes reflete o estado mental do autor durante o período de sua elaboração.

O livro, heterodoxo como gênero e de caráter *experimental*, não segue os modelos de autobiografias então vigentes — geralmente apresentados em termos de confissão religiosa —, e poderia também ser considerado como narrativa de viagem, elegia, memória filial ou coleção de excertos de diários.

Esta edição contempla apenas o primeiro dos três volumes de *Præterita*. Todas as notas são da tradução, excetuando-se as indicadas com N. A., da autoria de Ruskin. Na França, o primeiro volume foi publicado isoladamente, sob o título de *Les Sources de Wandel*, pelas Éditions Le Temps Singulier, de Nantes, em 1980. O livro é comercializado envolto numa tarja vermelha com a frase: *Le Maître de Proust*.

Ruskin foi uma das grandes influências literárias de Proust, que traduziu *The Bible of Amiens* para o francês, embora seu inglês fosse

2. Região localizada no noroeste da Inglaterra.

precário — contou com a ajuda da mãe e da amiga inglesa Marie Nordlinger. A tradução de *Præterita* foi encetada e abandonada.

A influência de Ruskin sobre Proust se manifesta essencialmente em dois aspectos: a narrativa não linear, mas espiralada, cíclica, na qual os temas são retomados e retrabalhados ao longo do texto; e uma espécie de *solipsismo literário*, no qual cada ente, animado ou inanimado, que entra no campo existencial do escritor ganha importância e transcendência.

Seja um empregado da casa comercial de seu pai, seja um pôr do sol sobre os Alpes, sejam cabanas entrevistadas numa viagem de carruagem, tudo que toca os sentidos e o intelecto de Ruskin ganha uma importância quase mística e merece maravilhosas páginas de descrições, análises e reflexões. Tais exacerbações da subjetividade são características tanto do estilo de Ruskin quanto de Proust.

Além disso, as digressões encadeadas e razoavelmente longas de Ruskin — uma característica da literatura britânica, muito bem exemplificada em Ford Madox Ford, em *The Good Soldier*, e conduzida ao paroxismo em Laurence Sterne, em *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman* —, também estão presentes em *À la recherche du temps perdu*.

BIBLIOGRAFIA

FORD, Madox Ford. *O bom soldado*. São Paulo: Editora 34, 1997.

PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1987.

RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

———. *Præterita and Dialecta*. New York: Alfred A. Knopf, 2005.

———. *Præterita – Souvenirs de Jeunesse*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1911.

———. *Les Sources de Wandel*. Nantes: Éditions Le Temps Singulier, 1980

STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Prefácio à edição original

Herne Hill, 10 de maio de 1885

Escrevi esses esboços dos incidentes e esforços de meus primeiros anos para meus amigos; e para o público que aprecia meus livros.

Escrevi-os de modo franco e gárrulo, ao correr da pena; estendendo-me o quanto quisesse sobre o que me dava prazer recordar — algumas vezes detendo-me cuidadosamente sobre aquilo que pensava ser útil tornar conhecido; e guardando total silêncio sobre coisas que não me davam qualquer prazer recordar, e cujo relato não interessaria ao leitor. A descrição de minha vida revelou-se mais divertida do que eu esperava, à medida que evoquei cenas do passado longínquo para submetê-las ao escrutínio do presente: — os principais métodos de estudo e princípios de trabalho utilizados, perdoo-me por recomendá-los a outros escritores; e provavelmente qualquer leitor contumaz de meus livros poderá entendê-los melhor, por conhecer, tão completamente quanto fui capaz de mostrá-lo, meu caráter pessoal, o qual, sem procurar esconder, nunca me esforcei para exibir, e mesmo, eventualmente, senti certo caprichoso prazer em expô-lo ao risco da má-interpretação.

Escrevo essas poucas palavras introdutórias no aniversário de meu pai, no quarto que foi meu na infância, nesta velha casa, — para a qual ele, há sessenta e dois anos, trouxe a mim e a minha mãe, eu então com dez anos. Nas páginas seguintes, o que poderia ser apenas o passatempo de um velho, que colhe flores visionárias do campo de sua juventude, adquiriu, enquanto as escrevia, a nobreza de uma respeitosa oferenda, no túmulo de pais que me educaram para buscar todo o bem possível, e cuja lembrança alegra o ocaso de minha vida, na esperança de logo estar novamente com eles.

As fontes de Wandel¹

Sou, e meu pai o fora antes de mim, um ferrenho *Tory*³ da velha estirpe; — da escola de Walter Scott, isso quer dizer, e da de Homero. Nomeio esses dois entre inúmeros grandes escritores Tories porque foram meus dois mestres. Lia constantemente os romances de Walter Scott e a *Iliada* (na tradução de Pope) quando criança, em dias de semana: aos domingos, o efeito desses livros era matizado por *Robson Crusoe* e por *O peregrino*;⁴ minha mãe nutrindo grandes esperanças de fazer de mim um clérigo. Afortunadamente, havia uma tia mais fervorosa que minha mãe; e ela me deu carne de carneiro fria no jantar de domingo, e isso — por mais que a preferisse quente — diminuiu a influência de *O peregrino*; o resultado foi que adquiri toda a nobre imaginação ensinada por Defoe e Bunyan, e, contudo, não me tornei um clérigo.

1. O leitor deve ser avisado que os dois primeiros capítulos são reimpressões, com pequenas revisões, provenientes de *Fors Clavigera*,² tendo sido incluídos naquela obra primordialmente para ensinamento político, algo que agora me parece ter representado certa violência. [N. A.]

2. Obra de John Ruskin: *Fors Clavigera. Letters to the Workmen and Labourers of Great Britain*. Série de cartas dirigidas aos trabalhadores e às mulheres inglesas, publicadas entre 1871 e 1884.

3. Refere-se ao *Tory Party*: partido conservador britânico.

4. *The Pilgrim's Progress — The Pilgrim's Progress From The World, to That Which is to Come: Delivered Under the Similitude of a Dream Wherein is Discovered, the Manner of His setting Out, His Dangerous Journey; and Safe Arrival at The Desired Country* — é uma alegoria religiosa em duas partes, da autoria do ministro puritano e escritor inglês John Bunyan (1628–1688). A primeira parte foi publicada em 1678 e a segunda parte, em 1684. Considerada a mais característica expressão do puritanismo religioso, a obra, em sua época, estava presente em todos os lares ingleses e só perdia em popularidade para a Bíblia.

Contei, entretanto, com ensinamentos ainda melhores que esses, aos quais era compulsoriamente submetido, a cada dia da semana.

Walter Scott e o Homero de Pope eram leituras de minha própria eleição; minha mãe me obrigava, através de árduo trabalho diário, a memorizar longos capítulos da Bíblia; como também a ler, sílaba por sílaba, em voz alta, nomes difíceis, do Gênesis ao Apocalipse, uma vez ao ano: e a essa disciplina — paciente, acurada e resoluta — devo, não apenas o conhecimento da Bíblia, o qual, ocasionalmente, achei útil, mas muito de minha capacidade para o trabalho duro, além do melhor de meu gosto literário. Os romances de Walter Scott certamente fizeram com que eu me interessasse por romances de outros autores; e Pope, talvez tenha me levado ao inglês de Johnson⁵ ou de Gibbon,⁶ como modelos de linguagem; mas, uma vez conhecendo o capítulo 32 do Deuteronômio, o Salmo 119, o capítulo 15 da Primeira Epístola aos Coríntios, o Sermão da Montanha, e a maioria do Apocalipse, cada sílaba de cor, e tendo sempre refletido sobre o significado das palavras, não me era possível, mesmo nas épocas mais tolas da juventude, escrever de modo inteiramente superficial ou meramente formal, em inglês; e a afetação de tentar escrever como Hooker e George Hebert foi a mais inocente a que eu poderia ter sucumbido.

Dos meus mestres eleitos, Scott e Homero, aprendi, então, o Torismo, que minhas reflexões posteriores apenas serviram para confirmar.

Isso significa o mais sincero amor aos reis e a aversão a todos que tentam desobedecê-los. Com Scott e Homero aprendi estranhas ideias sobre os reis, as quais creio serem agora muito obsoletas; pois, percebi que tanto o autor da *Ilíada* como o autor de *Waverley*⁷ fizeram seus reis, ou as pessoas que amam os

5. Samuel Johnson (1709–1784) foi escritor e lexicógrafo britânico.

6. Edward Gibbon (1737–1794) foi historiador britânico, autor do clássico *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*.

7. Obra de Walter Scott, publicada primeiramente em anonimato.

reis, trabalharem mais duramente que qualquer outra. Tydides ou Idommeneus⁸ sempre matavam vinte troianos para cada um morto pelos outros, e Redgaunlet⁹ traspassava mais salmões que qualquer dos pescadores de Solway; e — o que era para mim objeto de particular admiração — observei que eles não apenas faziam mais, mas que em proporção ao que faziam, *obtinham* menos que as outras pessoas — e não apenas isso: que os melhores dentre eles estavam até prontos a governar a troco de nada! e a deixar seus seguidores dividirem os saques e os lucros. Ultimamente, quer me parecer que a ideia de um rei tornou-se exatamente o contrário disso, tendo sido presumida, geralmente, como o direito de pessoas superiores governarem menos e obterem mais que qualquer outra. Isso talvez tenha sido benéfico para mim, que naqueles dias da infância contemplava a realeza à grande distância.

A tia que me dava carne de carneiro fria aos domingos era irmã de meu pai: morava em Bridgend, na cidade de Perth, e tinha um jardim repleto de groselheiras espinhosas transbordando para o Tay; a porta da casa abria-se para a água castanho-clara que corria sobre os seixos a três ou quatro pés de profundidade; turbilhonando rápido, — algo infinito, aos olhos de uma criança.

Meu pai iniciou-se no comércio de vinhos, sem capital, e com considerável montante de débitos herdados de minha avó. Aceitou as dívidas e pagou-as todas antes de começar a retirar algo para si próprio, — motivo pelo qual seus amigos o chamaram de tolo, e eu, sem ter manifestado qualquer opinião sobre sua conduta, a qual, nesses assuntos, sei que corresponde exatamente à minha, escrevi na placa de granito sobre seu túmulo que ele era um “comerciante absolutamente honesto.” Com o tempo, ele pôde alugar uma casa na rua Hunter, Brunswick Square, número 54 (as janelas, para minha felicidade, descortinavam vista para uma maravilhosa fonte vertical de ferro, na qual os car-

8. Personagens da mitologia grega, citadas na *Iliada*, de Homero.

9. Personagem do romance homônimo de Sir Walter Scott.

ros-pipa eram abastecidos através de pequenos sifões, munidos de tubos que pareciam jiboias; e eu nunca me cansava de contemplar aquele mistério e o delicioso gotejamento da fonte); com o passar do tempo, e ao atingir quatro ou cinco anos de idade, meu pai pôde dispor de uma pequena carruagem e uma parelha de cavalos por dois meses, no verão, com o auxílio da qual, em minha companhia e na de minha mãe, visitava seus clientes no campo (que gostavam de ver o próprio negociante como seu principal viajante); de modo que, a passo de trote, e através das vistas panorâmicas das quatro janelas da carruagem, ainda mais panorâmicas para mim porque meu assento era colocado um pouco mais à frente (como costumávamos alugar regularmente a carruagem à empresa Long Acre, durante dois meses, podíamos tê-la equipada e adaptada como quiséssemos), eu via todas as grandes estradas e a maioria dos cruzamentos da Inglaterra e do País de Gales; e grande parte das terras-baixas da Escócia, chegando até Perth, onde, a cada ano, passávamos todo o verão: e eu costumava ler o *Abbot*,¹⁰ em Kinross, e *O monastério*, em Glenn Farg, que eu confundia com “Glendearg”, e pensava que a White Lady tivesse vivido à beira do riacho no vale profundo de Ochils, como a Rainha dos Escoceses na distante ilha de Loch Leven.

Para grande gozijo de meu pai, à medida que eu crescia, ia conhecendo todas as casas de nobres da Inglaterra; com o reverente e saudável deleite de uma admiração desinteressada — percebendo, logo que pude compreender alguma verdade política plenamente, que era provavelmente muito melhor viver numa pequena casa e maravilhar-se com o Castelo de Warwick do que viver no Castelo de Warwicik e não ter nada com que se maravilhar; isso, entretanto, em qualquer caso, não faria a praça Brunswick mais agradável para se viver, caso o Castelo de Warwick fosse destruído. E, até o presente momento, embora tenha recebido convites muito gentis para visitar a América, não

10. Título de um romance Walter Scott, publicado em 1820.

pude, mesmo por poucos meses, viver num país tão pobre a ponto de não possuir castelos.

Tendo formado, entretanto, minha noção da realeza principalmente da *Lady of the Lake*,¹¹ de Fitzjames,¹² e a da nobreza do Douglas deste livro, e do Douglas em *Marmion*,¹³ uma dolorosa dúvida logo surgiu em minha mente infantil, a de por que os castelos não deveriam estar sempre vazios. Tantallon¹⁴ estava lá; mas não Archibald of Angus:¹⁵ Stirling,¹⁶ mas não o Cavaleiro de Snowdown.¹⁷ As galerias e jardins da Inglaterra eram belos de se ver — mas seu Senhor e sua Senhoria estavam sempre na cidade, diziam-me as governantas e os jardineiros. Profundo anseio por algum tipo de *Restauração* apoderou-se de mim, o que me fez lentamente perceber que Carlos Segundo¹⁸ talvez apenas a tenha esboçado, embora sempre tenha usado uma noz-de-galha dourada na botoeira da lapela no 29 de maio.¹⁹ Parecia-me que a *Restauração* de Carlos Segundo, quando comparada com a *Restauração* que eu desejava, fosse como a noz-de-galha dourada comparada a uma galha real. Ao tornar-me mais maduro, o desejo por frutos doces em vez dos amargos, e de Reis Vivos em vez dos mortos, pareceu-me tanto racional quanto romântico; e,

11. Título de um longo poema de Sir Walter Scott.

12. James Fitzjames (1670–1734) foi um nobre e militar britânico de origem francesa; primeiro e único Duque de Berwick; estimado por sua coragem, habilidades militares e integridade.

13. Título de um poema épico de Sir Walter Scott.

14. Castelo na Escócia.

15. Nobre escocês, quinto Conde de Angus, nascido no castelo de Tantallon.

16. Castelo na Escócia.

17. Personagem de Sir Walter Scott, do poema narrativo *Lady of the Lake*.

18. Charles II of England (1630–1685) foi rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda. Assumiu o trono da Inglaterra e da Irlanda em 1661 (havia sido declarado rei da Escócia em 1649), no episódio conhecido como *Restauração*, depois do chamado *English Interregnum*, no qual a Inglaterra, Escócia e Irlanda, após a abolição da monarquia, experimentaram um período republicano, sob o comando do *Lord Protector* Oliver Cromwell.

19. Data do aniversário de Charles II. Neste dia, em 1660, aos 30 anos, o rei entrou em Londres, ao retornar de nove anos de exílio no continente europeu.

gradualmente, converteu-se no principal objetivo de minha vida desenvolver os bons frutos, sendo minha maior esperança ver Reis.²⁰

Nunca fui capaz de atribuir essa predisposição a qualquer descendência real: dos ancestrais de meu pai, nada sei; nem dos de minha mãe, além de minha avó, que era a proprietária do Old King's Head na Market Street, em Croydon; e gostaria que ela ainda estivesse viva e eu lhe pudesse pintar a cabeça do rei à maneira de Simone Memmi,²¹ como um emblema.

Meu avô materno era, como já disse, um marinheiro, que costumava embarcar, como Robson Crusóé, em Yarmouth, e voltava depois de longos intervalos, fazendo-se adorado em casa. Creio que tivesse algo a ver com o comércio de arengues, mas não sei exatamente em que circunstâncias; minha mãe nunca falou muito a respeito. Ele a mimava e a sua irmã (mais jovem), com todo seu carinho, quando estava em casa; a menos que isso advenha de alguma tendência para equivocar-se, ou para afirmações provenientes da imaginação, por parte das crianças, algo sempre imperdoável. Tendo percebido, uma vez, que minha mãe decididamente lhe contara uma mentira, enviou imediatamente o criado para comprar um novo feixe de giesta-das-vassouras para açoítá-la. “O feixe não me machucou mais do que apenas um galho teria feito”, disse minha mãe, “mas *imaginei* uma boa quantidade deles.”

20. A Companhia de São Jorge foi fundada para promoção da vida rural em vez da urbana : e minha única esperança de prosperidade para a Inglaterra, ou para qualquer outro país, qualquer que seja o tipo de vida que eles levem, é a descoberta de homens capazes de exercer a Realeza, e a sua obediência [N. A.]

21. Pintor italiano, nascido em Siena no ano de 1283 e morto em Siena ou Avignon, em 1344 ou 1349.

COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Malievitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Caelestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhosa*, Saigyö
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. 1)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Charles Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe: bilingue*, Maquiavel
3. *Hino a Afrodite e outros poemas: bilingue*, Safo de Lesbos
4. *Jazz rural*, Mário de Andrade
5. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Frierich Engels
6. *Præterita*, John Ruskin

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil, na data de 6 de janeiro de 2022, em papel pólen soft, composto em tipologia Minion Pro, com diversos softwares livres, dentre eles Lua[®]TeXe git.
(v. ad298bc)

